

## ANÁLISE DO DISCURSO DE ÓDIO EM COMENTÁRIOS DO INSTAGRAM: DESCRITIVO E DIMENSÃO ARGUMENTATIVA EM INTERFACE

*Sueli Cristina Marquesi\**  
suelimarquesi.sm@gmail.com  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*Rivaldo Capistrano Júnior\*\**  
r.capistrano@uol.com.br  
Universidade Federal do Espírito Santo

*Andréa Pisan Soares Aguiar\*\*\**

---

\* Doutora em Linguística Aplicada e Professora Titular de Língua Portuguesa da PUC-SP, atuando no Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa, no Instituto de Pesquisas Linguísticas Sedes Sapientiae para Estudos de Português (IP) e no Departamento de Português da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. É Avaliadora Institucional do INEP/MEC e Professora Emérita pela Universidade Cruzeiro do Sul. Realizou estudos de pós-doutorado em Linguística, na Universidade do Porto (Portugal) e na Universidade de Lausanne (Suíça), estágio profissional em gestão universitária, na Universidade de Montréal (Canadá), e missão de trabalho em projeto de pesquisa na Universidade Sorbonne - Paris V (França), dentro de projeto CAPES-COFECUB. Tem-se dedicado, ao longo de sua carreira, ao ensino superior, tanto na Graduação quanto na Pós-graduação, desenvolvendo pesquisas relacionadas a leitura, escrita, uso da linguagem verbal em ambientes virtuais de aprendizagem, linguagem jurídica e tipologia e gêneros textuais. É líder do Grupo de Pesquisa "Texto, Escrita e Leitura" (PUCSP-CNPq) e foi coordenadora, no biênio 2016-2018, do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação, da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Participou, no período de 2010 a 2013, como coordenadora de equipe, do Projeto Análise de Textos e Discursos, liderado pela Universidade do Rio Grande do Norte, dentro do Programa PROCAD - NF da CAPES. Desde 2018, é membro da Rede Internacional de Pesquisa em Argumentação - REDIPAr e, desde 2015, do Grupo de Pesquisa "Análise Textual dos Discursos (UFRN-CNPq)". Participa do conselho científico do Projeto NURC/SP - Núcleo USP desde 2020. É autora de livros, capítulos de livros e artigos em periódicos científicos. Em sua atuação profissional, registram-se, ainda, atividades de extensão voltadas para a formação continuada de professores de Língua Portuguesa. Ocupou vários cargos de gestão acadêmica, destacando-se entre eles: na PUC-SP, o de Vice-diretora da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (1991-1996), o de Coordenadora do Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa (1993-1996) e o de Vice-reitora Acadêmica (1996-2000); na Universidade Cruzeiro do Sul, o de Diretora de Pós-graduação e Pesquisa (1997-2001), o de Pró-reitora Acadêmica (2001) e o de Reitora (2001-2017); no Centro Universitário Módulo, o de Reitora (2010-2017); e, na Faculdade São Sebastião, o de Supervisora Acadêmica (2015-2017). Foi Assessora do Ministério para o ENADE na área de Letras. Atualmente, exerce o cargo de Coordenadora do curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa - Licenciatura, na PUC-SP, biênio 2020-2022.

\*\* Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. Líder do GELT (CNPq/UFES), vice-líder do THELPO (CNPq/UNIFESP). Vice-coordenador, biênio 2023-2025, do Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTAC) da ANPOLL.

\*\*\* Doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Mestre em Língua Portuguesa pela mesma universidade. Possui Especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade São Marcos. Graduada em Letras, com habilitação em Tradução (inglês), pela Universidade Católica de Santos, e licenciada em Letras Português/Inglês pela Unicsul. Experiência como revisora de textos e copidesque em editoras. Presta serviços de revisão para pós-graduandos e profissionais de áreas diversas (artigos, dissertações, teses). Professora convidada de cursos de extensão a distância na Cogeae/PUC-SP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Texto, Escrita e Leitura (PUC-SP/CNPq - Líder Profa. Dra. Sueli Marquesi), do Grupo de Pesquisa Texto, Hipertexto e Ensino de Língua Portuguesa - THELPO (Unifesp/CNPq - Líder Profa. Dra. Vanda Maria Elias) e do Grupo de Pesquisa em Tecnologias Educacionais (GPTEd/CNPq - Líder Prof. Dr. João Mattar). Pós-doutoranda do Programa de Estudos

andreapisan@uol.com.br  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

**Resumo:** As manifestações odiosas são marcadas pela intolerância, pela hostilidade e pela incitação a atos antidemocráticos e são proferidas com o objetivo de influenciar e intimidar grupos sociais, constituindo-se, assim, um tema importante na agenda da Linguística contemporânea. Seu uso tem sido largamente disseminado em *sites* de redes sociais, em razão de traços constitutivos desses ambientes, tais como a hiperconexão (conexão em grande escala), o ambiente algorítmico das redes, as estruturas de participação, do livre acesso a conteúdos e o (pseudo)anonimato. Dito isso, define-se, neste artigo, a seguinte pergunta de pesquisa: Como o descritivo constitui o discurso de ódio e evidencia a dimensão argumentativa em comentários publicados no Instagram? Em resposta a esse questionamento, este artigo objetiva estabelecer uma relação, a partir da análise de comentários no Instagram, entre o descritivo e a dimensão argumentativa em manifestações publicadas nessa rede social. Com base na análise do *corpus*, observa-se que o descritivo não só sinaliza posicionamentos e orientações argumentativas, mas também revela uma motivação a comportamentos odiosos e ataques pessoais.

**Palavras-chave:** discurso de ódio; dimensão argumentativa; descritivo; comentários no Instagram.

## 1 Introdução

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) possibilitaram uma diversificação dos tipos de interação, das estruturas de participação e da construção de comunidades em mídias sociais digitais. Nesses ambientes, internautas, ao compartilharem crenças, normas e comportamentos sociais, tendem a se agrupar e a captar apoio, criando um senso de pertencimento e identidade. No entanto, essa complexa dinâmica interacional endogrupal muito favorece a construção da visão do “outro” como estranho, diferente, não adequado, criando terreno fértil para o aumento de atitudes hostis e para a disseminação do discurso odioso.

Em vista disso, neste artigo, propomos uma discussão sobre a manifestação do discurso de ódio em comentários do *site* da rede social *Instagram*, orientada pela seguinte pergunta: Como o descritivo constitui o discurso de ódio e evidencia a dimensão argumentativa em comentários publicados no Instagram? Para respondê-la, propomos, como objetivo deste estudo, estabelecer uma relação, a partir da análise de comentários no Instagram, entre o descritivo e a dimensão argumentativa em

---

Pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP, bolsista PNPd/CAPES, com pesquisa nas áreas de linguística textual e de revisão de texto, sob supervisão da Profa. Dra. Sueli Cristina Marquesi.

manifestações publicadas nessa rede social. Nessa direção, consideramos, com base em trabalhos de Marquesi (2007a; 2007b; 2017; 2018) e de Marquesi, Elias e Cabral (2017), que o descritivo guarda intrínseca relação com a manifestação de posicionamentos e orientações argumentativas.

Para atingir o objetivo proposto, fundamentamo-nos em princípios teóricos da Linguística Textual e da Análise Textual dos Discursos e trazemos à discussão a análise, a título de exemplificação, de postagens no Instagram, organizando o artigo em quatro seções, além desta introdução e da conclusão. Na seção de número 2, a fim de contextualizarmos o estudo, tratamos da conceituação e caracterização do discurso de ódio. Na seção 3, apresentamos e discutimos as noções de texto e argumentatividade que embasam o trabalho. Na seção 4, discorremos sobre o descritivo, abordado primeiro como tipo textual (Marquesi, 2004) e depois como sequência textual (Adam, 2011; Marquesi, 2017; 2018). Por fim, na seção 5, procedemos à análise e reflexão.

## **2 Discurso de ódio em comentários de sites de redes sociais**

O discurso de ódio, segundo a definição do Comité de Ministros do Conselho da Europa, diz respeito a “todas as formas de expressão que propaguem, incitem, promovam ou justifiquem ódio racial, xenofobia, antissemitismo e outras formas de ódio baseado na intolerância, incluindo: intolerância expressa por nacionalismo ou etnocentrismo agressivo, discriminação e hostilidade contra minorias, migrantes e pessoas de origem migrante” (Lorenzi Bailly; Moïse, 2022).

Em termos gerais, podemos entender o termo “discurso de ódio” (DO, daqui em diante) como uma prática de comunicação, em que se utiliza linguagem para incitar, encorajar e propagar o ódio, a violência, o constrangimento e a exclusão contra pessoas ou membros de grupo social, em decorrência de sua raça, etnia, religião, orientação sexual, gênero, aparência física, tamanho corporal, deficiência, idade etc. Essa prática, conforme Lorenzi Bailly e Moïse (2022), é uma ameaça à ordem democrática, às lutas políticas e uma apologia aos crimes de guerra, violência e terrorismo.

O DO se constrói e se perpetua por meio de doxa, estereótipos desvalorizantes (Amossy; Pierrot, 2022) e preconceitos, sendo alimentado por uma visão binária do bem *versus* o mal (Lorenzi Bailly; MOÏSE, 2022), afetos (paixões negativas), tais como

raiva, medo, desprezo, indiferença etc., interesses políticos, diversão de provocar conflito, constrangimento. Nesse sentido, para Turpin (2023), o DO se manifesta, com base na dualidade, como um discurso de indignação ou de alarme, que incita o outro a atacar, o que coloca o alvo como odioso, perigoso e ameaçador. Diante dessas considerações, podemos entender que a motivação do DO não é necessariamente o ódio.

Essa dinâmica expõe ponto(s) de vista, reforça engajamento e provoca adesões em uma dada situação de interação. Desse modo, todo DO tem uma dimensão argumentativa (Amossy, 2018), que incita o outro a crer, ver e fazer, e faz uso de atos de condenação, por meio de argumentos *ad personam* (ataque pessoal)<sup>1</sup>, que visam a qualificar pejorativamente o outro (Grácio, 2013).

Seu objetivo, de forma mais ou menos violenta e/ou mais ou menos direta, é provocar, atacar, ameaçar, constranger pessoas, avatares e/ou grupos sociais. Em sua forma direta (revelado), de acordo com Moïse *et al.* (2021), o discurso de ódio caracteriza-se por i) assentar-se numa dimensão discursiva patêmica (ligada às emoções negativas), ii) mobilizar marcadores de negação da alteridade, iii) recorrer a atos de condenação, ou seja, formas de violência verbal que ofendem a identidade de outrem, desde os insultos a ameaças, entre outros.

Na dimensão discursiva patêmica, o ódio é um forte sentimento emocional, que, em *sites* de redes sociais, pode se mostrar por meio de palavras pejorativas, caluniosas e de recursos imagéticos digitais, tais como *emojis*, *GIFs*, *emoticons* etc., refletindo uma emoção semiotizada, contextualmente interpretável (Moïse *et al.*, 2021). Assim, por meio desses elementos languageiros, sentimentos de ameaça, humilhação, desprezo, exclusão são fortalecidos.

Além disso, o discurso de ódio direto, segundo Moïse *et al.* (2021), é caracterizado pela combinação de um efeito patêmico, uma rejeição de uma alteridade, ou seja, a exclusão do outro e negação de diferenças, o que reforça a exclusão e rejeição. Somam-se a isso atos diretos de condenação, quais sejam, insulto, ameaça, reprovação ou mesmo maldição. Essas três condições de funcionamento do discurso de ódio são responsáveis pela estigmatização, exclusão e

---

<sup>1</sup> “A argumentação *ad personam* consiste em desvalorizar e mesmo desautorizar o discurso do outro através de ataques que incidem sobre a sua pessoa, o seu carácter ou os seus atos. Este tipo de argumentação, procurando desacreditar o oponente enquanto pessoa, visa desvalorizar a sua iniciativa argumentativa como algo que não merece ser tomado em conta ou ser ouvido” (Grácio, 2013, p. 38).

discriminação de grupos minoritários e despertam sentimentos negativos, reações violentas e antidemocráticas.

Por sua vez, conforme Moïse *et al.* (2021), o discurso de ódio em sua forma indireta (dissimulado), sobretudo o que ocorre em interações *on-line*, nas quais os internautas buscam frequentemente esconder a natureza violenta de suas postagens, por meio de dissimulações retóricas (alusões, insinuações, desprezo, humor vexatório etc.), apoia-se principalmente em estereótipos desvalorizantes e argumentos de autoridade em que se apela a uma doxa (Lorenzi Bailly; Moïse, 2022).

Nesse sentido, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) têm potencial para difundir o DO, uma vez que, de acordo com Capistrano Júnior (2023), a hiperconexão (conexão em grande escala), o ambiente algorítmico das redes, as estruturas de participação, o livre acesso a conteúdos, são propícios à formação de bolhas sociais, o que favorece o surgimento de uma heterogeneidade de opiniões e pontos de vista, fomentando o surgimento de interações conflituosas e ameaçadoras, em que a linguagem depreciativa e pejorativa ocorrem. Além disso, o (pseudo)anonimato favorece a autoexpressão e a manifestação de opiniões, permitindo que os internautas se sintam mais desinibidos para incitar a discriminação, a hostilidade e a violência.

Nos espaços de comentários, *locus* de ação participativa e interação, os internautas (re)produzem e consomem conteúdos, reagem a temas focalizados em uma postagem iniciadora e/ou em comentários de outro participante, emitem suas opiniões, crenças, julgamentos, a fim de atuarem nesse espaço de convergência social. Nos comentários, o DO promove um confronto entre o “odiador” e a vítima. Para tanto, recorre-se frequentemente não só a expressões ou qualificações insultuosas, mas também a elementos imagéticos (*emojis*, *GIFs* etc.) com valor pejorativo.

O emprego desses elementos verbais e imagéticos remete à desqualificação do indivíduo, por meio de argumentos *ad personam* que visam à “condenação do ser” (de suas próprias características) e à “condenação do fazer” (de suas ações), como observam Bernard Barbeau e Moïse (2023). Essa estratégia pode ser representada pelo seguinte esquema implícito:

Ser/fazer (x) é desqualificar  
 A é/fazer (x)  
 Portanto A é [tratado como] (y<sup>desqualificação</sup>)  
 (Bernard Barbeau; Moïse (2023, n. p.).

Esse esquema para a desqualificação presente no discurso de ódio nos permite estabelecer uma inter-relação com o descritivo e sua interface com a dimensão argumentativa do texto, como tratamos nas seções 4 e 5 do presente estudo.

Antes, porém, consideramos importante explicitarmos as noções de texto e de argumentatividade aqui adotadas, passando, então à seção 3.

### 3 As noções de texto e de argumentatividade

Conforme Capistrano Júnior (2023), chegar a uma conceituação de texto que leve em consideração a sua complexidade constitutiva, a diversidade e heterogeneidade textuais, a sua produção, circulação e recepção em tradicionais e novas mídias, é um grande desafio. E toda definição deverá ser cautelosa e será sempre provisória, considerando-se a evolução do conhecimento nos estudos do texto.

Neste trabalho, entendemos texto como enunciado singular, que compõe uma unidade conclusa de comunicação e de coerência em contexto (Cavalcante *et al.*, 2019). Além disso, assumimos que todo texto é constitutivamente argumentativo, pois é “[...] produzido com a intenção/função de fazer crer, fazer alguma coisa ao outro” (Cabral, 2017, p. 244). O entendimento do conceito pressupõe levarmos em conta os seguintes princípios teóricos da Linguística Textual (LT):

- o texto é um evento comunicativo, ou seja, um acontecimento irrepitível, em que ‘convergem as ações linguísticas, cognitivas e sociais’ (Beaugrande, 1997, p. 10). Considerando-se que a textualização não ocorre apenas pelo uso da linguagem verbal, deve-se acrescentar a expressão ‘sistemas semióticos verbais e não verbais’ à definição de Beaugrande, conforme defendem Cavalcante e Custódio Filho (2010);
- se o texto é um evento comunicativo, então, a ação de textualizar ocorre em situações específicas de interação imediata, inseridas em contextos históricos e sociais, e pressupõe a mobilização de conhecimentos acessíveis e atualizáveis de sujeitos sociais (Koch, 2002, 2004; Marcuschi, 2007). Isso nos leva depreender que a interação, modos de agir, e cognição, modos de conhecer, são subjacentes e indissociáveis das ações textuais;

- o texto é toda e qualquer produção linguageira [...] que envolve sujeitos, seus objetivos e conhecimentos com propósito interacional' (Koch; Elias, 2016, p. 32).

Em LT, a noção de propósito interacional está atrelada à intencionalidade. Este termo não só diz respeito ao que os sujeitos tencionam (Beaugrande, 1997), aos meios e às estratégias de que lançam mão para realizar textualmente suas intenções, mas também, em sentido lato, abrange as funções sociais dos textos (Sandig, 2009).

O interesse pelo estudo da argumentação na LT se dá em trabalho pioneiro de Koch (1983). Para a autora, “[...] o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental [...]” (Koch, 1983, p. 19).

No entendimento de Capistrano Júnior (2023), esse posicionamento é repensado por Fávero e Koch (1985), ao sustentarem que a argumentação “[...] não é, apenas, um dos fatores de textualidade: é, isso sim, o integrador de todos os demais” (Fávero; Koch, 1985, p. 34). Essa visão evidencia uma ampliação da visão de argumentação linguística, em que as orientações argumentativas estão previstas, de certa forma, na estrutura e no léxico da língua, e entrevê indícios da discussão atual que considera a argumentação, entendida como forma de influenciar o outro no seu modo de ver, pensar, agir e sentir (Amossy, 2018).

Nessa perspectiva, Cabral (2016; 2017) defende que o eixo orientador da construção textual se encontra nas intenções do produtor, o que permite evidenciar ser a construção textual um arranjo singular, fruto de um projeto enunciativo argumentativamente orientado. Com base em Cabral (2016; 2017) e em Amossy (2018), assumimos que a argumentação é constitutiva dos textos e se manifesta sob a forma de uma *dimensão argumentativa* (aponta maneiras de ver, de sentir etc.), ou sob a forma de uma *visada argumentativa* (tem finalidade de persuasão).

Conforme acrescenta Amossy (2020), a dimensão argumentativa (ou argumentação indireta) é ampla e inclusiva e “se deixa apreender fora da formulação explícita de uma questão, de uma tese e dos argumentos que a sustentam” (Amossy, 2020, p. 75-76). Essa concepção, portanto, não apresenta, no nível textual, uma sequência argumentativa; não objetiva defender uma tese; não traz o confronto explícito de posições antagônicas; não é da ordem de um raciocínio lógico formal; mas busca compartilhar opiniões, pontos de vista, questionamentos, suscitar reflexão, por meio de procedimentos textuais-discursivos que não são argumentos formais.

Dito isso, passamos, a seguir, à discussão do descritivo, abordando estudos teóricos realizados em dois períodos da Linguística Textual – o período das Gramáticas de Texto e o das Teorias do Texto, considerando, respectivamente, o descritivo como tipo textual (Marquesi, 2004 [1990]<sup>2</sup>) e, posteriormente, como sequência textual (Adam, 2011; Marquesi, 2013; 2017; 2018), por essas duas abordagens, em diálogo, terem constituído as bases para a definição de categorias analíticas (Marquesi, 2017; 2018) que permitiram a verificação, em diferentes *corpora*, da sequência descritiva como constitutiva da dimensão argumentativa de um texto, já que revela escolhas em função de um projeto de dizer de seu produtor.

#### 4 O descritivo

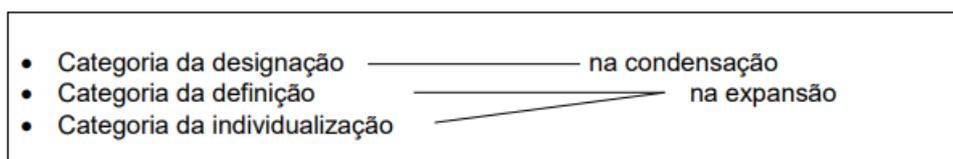
Para a abordagem inicial do descritivo considerado como um **tipo textual**, revisitamos Marquesi (2004 [1990]), que, em estudo pioneiro no Brasil, estabeleceu suas categorias e superestrutura, realizando, para tanto, uma detalhada revisão das proposições de teóricos anteriores, como Adam (1987), que abordou a tipologia do descritivo; Genette (1973 [1966]), que discorreu sobre as fronteiras da narrativa para explicitar que o descritivo tem organização autônoma; Hamon (1972; 1981), que trouxe o primeiro estudo formal do descritivo e propôs a noção de descrição como unidade específica; Hass e Lorrot (1987), que desenvolveram uma proposta pedagógica do descritivo; Petitjean (1987), que apresentou trabalho de cunho analítico focado na função do descritivo na Literatura.

Esses e outros trabalhos abordados pela autora na mesma obra, permitiram-lhe desenvolver uma organização para o descritivo, com base na análise de textos enciclopédicos, publicitários e literários, da perspectiva da tipologia de textos, dada por três categorias, representadas no esquema a seguir (Figura 1). Com base em van Dijk (1980), Marquesi (2004 [1990]) considerou essas categorias como funções textuais esquemáticas que permitem organizar e classificar as diferentes frases presentes em um texto, o que foi posteriormente corroborado em estudo desenvolvido por Marquesi e Elias (2011).

---

<sup>2</sup> O estudo de Marquesi datado de 1990 refere-se a sua tese de doutorado, que originou a obra intitulada *A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa*, publicada em sua 1ª edição em 1996 e em sua 2ª edição em 2004.

Figura 1 – Categorias do descritivo



Fonte: Marquesi (2004 [1990], p. 103).

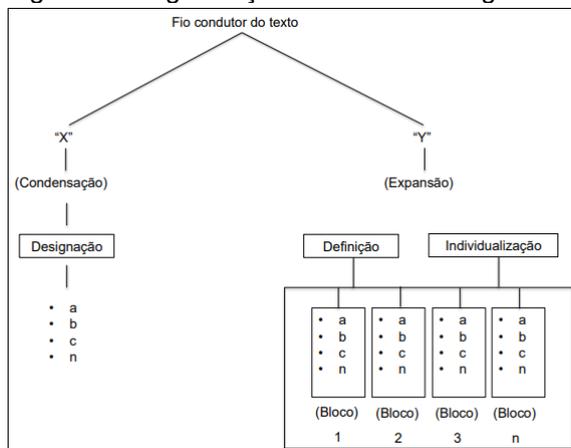
Segundo a autora, no estudo em foco, a categoria da *designação* compreende nomear, indicar, dar a conhecer, para se determinar e qualificar certas marcas do objeto designado, em uma estruturação caracterizada pela fórmula *x é y*, em que *x* está para a designação e *y* para a expansão; trata-se de um processo de condensação. Já a categoria da *definição* compreende determinar a extensão ou os limites de, enunciar os atributos essenciais do que é descrito, de forma que o objeto da descrição não seja confundido com outro; trata-se de um processo de expansão, ou ampliação; ainda, dentro do processo de expansão, Marquesi (2004 [1990]) acrescentou a categoria da *individualização*, que, por sua vez, compreende especificar, distinguir, particularizar, indicando o que faz um ser possuir não apenas um tipo específico, mas também uma existência singular, determinada no tempo e no espaço; como a categoria anterior, refere-se a um processo de expansão.

Em sua abordagem do descritivo como tipo textual, Marquesi (2004 [1990]) também especificou as regras do descritivo: equivalência e hierarquização, a primeira, referindo-se à organização das relações categoriais e predicativas nos variados níveis seguindo uma linha horizontal, e a segunda, referindo-se à organização das relações seguindo uma linha vertical. Segundo a autora, essa “regra é responsável pela organização de um dos níveis da coerência do texto que, segundo Charolles (1978), exige a manutenção e progressão da referência na expansão textual” (Marquesi, 2004 [1990], p. 112).

Vale destacar que a estudiosa distingue tematização de topicalização. Esta é empregada como hierarquização, relacionada à sintaxe das categorias esquemáticas do texto como forma; já a tematização é empregada como seleção, relacionada ao conteúdo semântico de um texto, decorrente de recortes que o sujeito descritor realiza no contínuo sêmico referencial. A fim de indicar a manutenção temática na expansão dos blocos descritivos e a relação entre eles, a autora utiliza a expressão “fio condutor do texto”, que permite manter a coerência e orienta o produtor nas suas escolhas linguístico-textuais para proceder à progressão textual e, como consequência, para o

processo de referenciação (Marquesi, 2018). Na Figura 2, ilustramos as categorias que organizam o descritivo, conforme postulado por Marquesi (2004 [1990]).

Figura 2 – Organização do descritivo segundo suas categorias



Fonte: Marquesi (2004 [1990], p. 114).

Quanto à abordagem do descritivo considerado como uma **sequência textual**, revisitamos, primeiro, Adam (2011 [2008]), que vem se dedicando à construção teórica referente a planos de texto e sequências textuais, tornando-se a referência em que muitos pesquisadores têm se fundamentado; segundo, Marquesi (2013; 2017; 2018), estudiosa que vem tratando, especificamente, da sequência textual descritiva, por meio de categorias analíticas aplicadas a diferentes *corpora*.

Começando por Adam, então, destacamos que o insigne teórico, em seu trabalho de 2011 [2005], aprofunda a abordagem sobre a sequência descritiva, concebendo-a como “inerente ao exercício da fala” e “identificável no nível dos enunciados mínimos” (p. 217), além de pôr em relevo que a atribuição mínima de um predicado a um sujeito constitui a base de um conteúdo proposicional, revelando essa atribuição, sempre, a posição do sujeito enunciativo e, nesse caso, qualquer conteúdo descritivo revela a atitude subjetiva de seu enunciativo.

Na visão de Adam, qualquer procedimento descritivo é, pois, inseparável de uma visada do discurso, o que decorre da indissociabilidade entre um conteúdo descritivo e uma posição enunciativa que orienta argumentativamente todo enunciado.

Especificamente, sobre a composição textual da sequência descritiva, o autor propõe para ela a aplicação de quatro operações de base:

- *Operações de tematização*: pré-tematização; pós-tematização; retematização;

- *Operações de aspectualização*: fragmentação; qualificação;
- *Operações de relação*: relação de contiguidade – situação temporal e espacial; relação de analogia – forma de assimilação comparativa ou metafórica;
- *Operações de expansão por subtematização*.

Foi essa teorização de Adam (2011 [2008]) sobre a sequência textual descritiva que tornou possível a reflexão de Marquesi (2017; 2018), em que a autora estabeleceu uma relação entre as operações por ele então propostas e as categorias por ela estabelecidas anteriormente (Marquesi, 2004 [1990]), o que resultou nas seguintes categorias analíticas para o descritivo:

- Designação/nomeação, por tematização;
- Definição e individuação, por aspectualização ou por relação.

A nomeação e o escopo das referidas categorias analíticas foram justificadas pela autora, tanto no trabalho de 2017 quanto no de 2018, por considerar que: (i) a operação de tematização consiste em nomear e pôr em evidência um todo; (ii) a operação de aspectualização serve para expor as partes do todo por meio de uma fragmentação que ressalta as qualidades do objeto descrito; (iii) a operação de relação é dada por contiguidade (recorte temporal ou espacial) e por analogia (dada pela comparação ou metáfora); e, por fim, (iv) a operação de expansão é desenvolvida por meio da subtematização, que evidencia a extensão da descrição e ocorre pela adição de qualquer operação a uma anterior.

Ainda como fruto da relação estabelecida entre seus estudos iniciais e os posteriores, a estudiosa tem ressaltado que o fio condutor, conforme Figura 1, apresentada anteriormente, permite manter a coerência e orienta o produtor nas suas escolhas linguístico-textuais para fazer progredir o texto, o que influencia no processo de referenciação em cada categoria. Além disso, como observa, conforme o gênero em que se dá o descritivo, pode ocorrer uma expansão maior ou menor em cada categoria: por exemplo, no texto enciclopédico, a categoria mais expandida é a definição, já no texto técnico é a individuação (Marquesi, 2018). A estudiosa tem reiterado, também, que é no tópico superior que ocorre a tematização do objeto descrito – um recorte subjetivo dado pela seleção de algumas unidades sêmicas que expressam uma visão de mundo particular daquele que descreve. Essa subjetividade indica pontos de vista, sinalizando uma dimensão argumentativa.

Pela relação que estabelece entre o estudo de Adam (2011 [2008]) com o que propõe, Marquesi ressalta que o produtor, ao tematizar determinado ser ou objeto, já aponta a orientação argumentativa do texto, ou seja, a argumentatividade, manifestada por suas escolhas lexicais e sintáticas para designar/nomear, qualificar, localizar, situar o ser ou o objeto tematizado, segundo sua intenção comunicativa (Marquesi, 2013; 2017; 2018). Destacamos que o linguista, ao explicitar o papel fundamental do descritivo na construção de um ponto de vista, assim se posiciona: “do caráter indissociável de um conteúdo descritivo e de uma posição enunciativa que orienta argumentativamente todo o enunciado, decorre o fato de que um procedimento descritivo é inseparável da expressão de um ponto de vista, de uma visada do discurso” (Adam, 2011 [2008], p. 217).

Nesse sentido, as categorias que servem ao descritivo revelam uma “[...] orientação argumentativa ao retratar o objeto descrito de uma determinada maneira dentre tantas possibilidades” (Marquesi, 2007a, p. 57), perspectiva implicada no modo de constituição de expressões referenciais no processo de(re)construção dos objetos de discurso, com importância tanto na progressão textual, quanto na orientação argumentativa e na construção do sentido dos textos (Marquesi, 2007a).

## 5 Análise

Para a análise do discurso de ódio em comentários do *Instagram*, recorreremos à metodologia de amostragem e selecionamos os três primeiros comentários públicos, em que se evidenciam manifestações odiantas à postagem iniciadora, publicada no *feed* da influenciadora digital Thaís Carla, no dia 22 de outubro de 2023. Em outras palavras, foram selecionados os comentários com a manifestação explícita de estigmatização, discriminação, aversão e preconceito baseados no peso corporal (gordofobia).

Na postagem, há um vídeo<sup>3</sup>, cuja duração aproximada é de 19 segundos, em que a influenciadora dança à beira do mar, ao som de Bloco de Sentimento, do fanqueiro Oh Major. No vídeo, constam os dizeres “Se for pra sofrer vai ser de biquinho enfiado na praia bem gostosa”.

---

<sup>3</sup> O vídeo da postagem motivadora pode ser acessado por meio do seguinte link: <https://tinyurl.com/mr43ewdv>.

Para a coleta e constituição de nossos dados, utilizamos a versão gratuita da plataforma *Export Comments*<sup>4</sup>, <https://pt.exportcomments.com/>, que automatiza a extração de até cem comentários. Os dados extraídos são viabilizados em planilha Excel e organizados por nome/apelido do internauta, sua identidade (o ID) nos dispositivos e aparelhos eletrônicos, dia e horários da publicação do comentário, quantidade de curtidas e conteúdo da mensagem. De modo a garantirmos o anonimato dos usuários, transcrevemos data e hora, número de *likes* e comentário, apenas.

Os comentários podem ser entendidos como complexos conglomerados de texto (Capistrano Júnior; Elias, 2018), que se assemelham “[...] a um conjunto de conversas múltiplas, um polílogo (Kerbrat-Orecchioni, 2004; Marcoccia, 2004), marcado pelo envolvimento de vários usuários em um mesmo local e pelas múltiplas focalizações, evidenciadas em comentários que reagem a um *prompt* motivador [...]” (Fávero *et al.*, 2021, p. 155). São, portanto, textos poligeridos, organizados à semelhança de turnos de fala.

Na sequência, apresentamos um primeiro exemplo de manifestação à postagem iniciadora de Thaís Carla.

Exemplo 1

Data e hora	Likes	Comentário
27/10/2023 – 19:56:50	0	@thaiscarla por que a Thais se apaixonou no negão? Porque pensou que era Nutella

O comentário transcrito nesse exemplo tem configuração textual de uma pergunta retórica e é direcionado à influenciadora Thaís Carla (@thaiscarla), alvo do ataque. Nele, o DO ocorre por meio de um ato indireto de desvalorização e estigmatização do corpo gordo. Essa atitude de aversão e rejeição é motivada por preconceitos e estereótipos desvalorizantes e por emoções negativas de preconceito e intolerância, pela negação do outro e de sua dignidade (ausência de alteridade).

O internauta ataca indiretamente a condição física da influenciadora digital, usando o humor irônico, pois insinua que ela deve comer mais que o necessário e não

<sup>4</sup> Em versão gratuita, a plataforma não realiza a extração de comentários a comentários.

deve comer nada saudável, pois a nutella, creme de avelã, cacau e leite, é um alimento muito calórico.

Além disso, o internauta categoriza o esposo da influenciadora de “negão”, palavra indicadora de racismo e usada com a intenção de ofender. Nesse sentido, o uso do termo “nutella”, numa relação de comparação entre o produto e o tom de pele, também visa a desdenhar o marido, constituindo-se em violência simbólica.

No comentário em análise, Thaís Carla e esposo tornam-se alvo de ataque, o que contribui para a incitação, promoção e propagação da gordofobia e do racismo.

No que se refere ao descritivo, a categoria da designação, que se refere à ação de nomear, portanto, condensar num recorte lexical um conjunto sêmico, “negão”, é indicativa de racialização da cor preta. A categoria da individuação, por sua vez, evidencia um conjunto de predicções que especifica a designação, como na predicção “...era nutella”, que ajusta por meio da comparação individualizada o ser descrito, ou seja, sua identificação racial. A análise segundo ambas as categorias permite identificar pistas textuais indicativas de preconceito e discriminação.

Na sequência, um segundo exemplo de comentário em reação à postagem iniciadora de Thaís Carla.

#### Exemplo 2

Data e hora	Likes	Comentário
27/10/2023 – 20:02:27	0	Parece uma mortadela amarrada.

No comentário, o discurso de ódio se manifesta verbalmente por meio de uma comparação ofensiva “Parece uma mortadela amarrada...”, caracterizando um ato de desumanização. Essa estratégia comparativa evidencia ter o alvo, a influenciadora Thaís Carla, atributos físicos indesejáveis, numa degradação de sua aparência física, que, por si só, é motivo de piada hostil.

O comentário desdenhoso apoia-se em estereótipos desvalorizantes de que corpos gordos são feios. Nessa representação, nega-se a alteridade, precisamente na desconsideração das diferenças e peculiaridades físicas, e se reforça a visão de que pessoas gordas são feias, desengonçadas e repulsivas.

Em relação ao descritivo, o objeto da descrição Thaís Carla é evocado por meio da predicção qualificativa “parece uma mortadela amarrada...”, que lhe atribui uma

caracterização negativa. Quanto à análise orientada pelas categorias do descritivo, podemos constatar que a designação é inferida contextualmente; já a categoria da individuação evidencia, por meio da associação por semelhança, um atributo como sendo equivalente ao do objeto descrito. A não explicitação da designação, ou seja, a não nomeação do objeto descrito, põe o foco sobre a comparação ofensiva, incitando a discriminação.

A organização descritiva põe, assim, em relevo o modo como o internauta julga o ser descrito.

Como terceiro exemplo de manifestação de internautas à postagem da Thaís Carla, apresentamos o comentário que segue.

Exemplo 3

Data e hora	Likes	Comentário
27/10/2023 – 20:07:41	0	@o_leomiranda 

Esse comentário assume a configuração textual de uma sequência de quatro *emojis*, ícones gráficos pequenos e coloridos, que representam expressões faciais, objetos, ações e símbolos (Dainas; Herring, 2021). O emoji rosto com lágrimas de alegria, frequentemente utilizado para representar o riso (Oliveira, 2019), é importante pista contextualizadora (Gumperz, 1998), cujo significado é situacionalmente delineado. Nesse sentido, indica algo muito engraçado que causa lágrimas nos olhos, e o riso representado cumpre diversas funções: mitigar a seriedade do conteúdo de uma mensagem, amenizando solicitações, correções, reclamações; manter uma atitude positiva; evidenciar alegria, depreciação etc.

Se considerarmos o contexto dos ataques, podemos dizer que os *emojis* comunicam, por meio da repetição, a intensidade da emoção negativa de sarcasmo, orientando o significado do ato ilocucionário, e desqualificam o conteúdo proposicional da mensagem da postagem iniciadora. Busca-se insultar, desmerecer a influenciadora, por meio do riso de zombaria, o que fomenta o discurso de ódio, alimentado, como expusemos na seção teórica, por uma visão binária do corpo padrão *versus* corpo não padrão e por paixões negativas, pela intolerância, pela falta de empatia.

Conforme defende Capistrano Júnior (2023), um *emoji* pode desempenhar a função textual-discursiva de subsumir as categorias do descritivo: a designação por

tematização, na retomada do conteúdo proposicional, e a individuação por qualificação e por comparação, na evidência de um atributo, sinalizando um sentimento de sarcasmo e conseqüentemente um ponto de vista. Isso pode ser mais bem compreendido por meio do seguinte esquema de enunciado “x é y”, em que X é a designação do objeto descrito, cuja função textual-discursiva é expressar instruções sobre aquilo que foi focalizado na postagem da influenciadora; Y, por sua vez, pode ser preenchido por um predicado qualificativo, que individualiza o descrito, ao mesmo tempo em que categoriza X, ao veicular um estado emocional.

## 6 Conclusão

Neste trabalho, o DO é entendido como uma prática de comunicação complexa que envolve relações multifacetadas entre internautas e suas redes, textos, tecnologias digitais e é caracterizado pela linguagem depreciativa, discriminatória e agressiva.

De acordo com Moïse *et al.* (2021), no cerne do DO, em suas manifestações direta ou dissimulada, estão as paixões negativas (antipatia, ódio, intolerância etc.); a negação da alteridade; os atos de exclusão, invalidação, condenação e aniquilação do outro, sinalizados pelo uso de léxico pejorativo/injuriioso ou de dissimulações retóricas (humor irônico, comparações insinuativas etc.).

Os comentários analisados configuram-se por meio de elementos verbais (exemplos 1 e 2) e imagético (exemplo 3), refletem a aversão/rejeição a pessoas gordas e, conseqüentemente, repetem e propagam preconceitos e estereótipos. Além disso, constituem indiretamente uma violência psicológica, numa ameaça à integridade moral e à democracia. A influenciadora digital Thaís Carla é atacada pelo peso corporal. Com base em Grácio (2013), podemos entender que esse tipo de ataque fere a dignidade humana, o que constitui um ato antidemocrático.

A principal contribuição deste trabalho é pôr em relevo o papel das categorias do descritivo, na análise da incitação ao discurso de ódio, uma vez que elas possibilitam compreender como um ser é designado e como é particularizado pela visão de seu(s) produtor(es), desempenhando, pois, importante função na construção da dimensão argumentativa do texto. Os dados analisados evidenciam que a discriminação ofensiva é construída, sobretudo, por comparações pejorativas, o que põe em

destaque a categoria da individuação por relação de comparação, conforme tratado na seção 4, sobre o descritivo.

Especificamente, em relação à dimensão argumentativa, que se vale da doxa compartilhada, estereótipos desvalorizantes e preconceitos, é possível verificar que ela se dá com base no uso de escárnio, zombaria e insultos, o que configura ataques pessoais.

Diante do que aqui expusemos, consideramos não ser o DO uma mera opinião, um ato impolido, mas, sim, uma exortação a comportamentos odientos. Quando isto se torna frequente, a democracia está sob ameaça. Nesse sentido, é preciso que na pesquisa e no ensino sejam discutidas as estruturas de participação de internautas na rede, para a inclusão e manutenção do respeito e da empatia nesse ambiente, recorrendo-se, para tanto, à análise orientada por dispositivos textuais-discursivos, entre eles, aqueles que envolvem categorias analíticas do descritivo em sua interface com a dimensão argumentativa, como aqui tratado.

Ao finalizar este estudo, acreditamos ter respondido à pergunta inicialmente proposta e cumprido o objetivo estabelecido. O trabalho cumpre mais uma etapa investigativa e se abre a outras em direção à consolidação de critérios teórico-analíticos que nos permitam entender a construção da argumentatividade em suas diversas possibilidades, e, no caso do DO, à contribuição dos estudos linguísticos para o enfrentamento deste grande desafio da sociedade contemporânea.

## **ANALYSIS OF HATE SPEECH IN INSTAGRAM COMMENTS: DESCRIPTIVE AND ARGUMENTATIVE DIMENSION IN INTERFACE**

**Abstract:** Hateful manifestations are marked by intolerance, hostility, and incitement to antidemocratic acts. They are uttered as a means to influence and intimidate social groups. For these reasons, they constitute an important theme on the agenda of contemporary linguistics. Their use has been largely disseminated on social networks, because of constitutive features of those environments such as hyper connection (large scale connection), the networks' algorithmic environment, participation structures, free access to content and (pseudo)anonymity. This being said, we establish the following research question for this article: how does the descriptive substantiate hate speech and how does it reveal the argumentative dimension in commentaries published on Instagram? Proceeding from the analysis of Instagram commentaries, we aim to establish an association between the descriptive and the argumentative dimension in public manifestations on this social network in order to answer this question. Based on the *corpus* analysis, we observe that the descriptive

not only shows us stances and argumentative orientations, but also that it reveals motivation for hateful behavior and personal attacks.

**Keywords:** Hate speech; argumentative dimension; descriptive; Instagram commentaries.

## Referências

ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual – Introdução à Análise Textual dos Discursos*. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011 [2008].

ADAM, Jean-Michel. Approche linguistique de la séquence descriptive. *Pratiques*, Metz, n. 55, p. 3-26.

AMOSSY, Ruth. A dimensão argumentativa do discurso: questões teóricas e práticas. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 71-96.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. *Estereótipos e clichês*. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2022.

BEAUGRANDE, Robert A. *New foundations for a science of text and discourse: Cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BERNARD BARBEAU, Geneviève; MOÏSE, Claudine. Disqualification. In: *Discours de haine et radicalisation: les notions clés* [en ligne]. Lyon: ENS Éditions, 2023. p. 217-222. Disponível em: <https://books.openedition.org/enseditions/44015>. Acesso em: 28 out. 2023.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Linguística Textual e Teoria da Argumentação na Língua. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 239-262.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Argumentação na língua e argumentação no texto. *Intersecções Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais*, ano 9, n. 1, p. 26-40, 2016. Disponível em: <https://tinyurl.com/3a492428>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo. *A violência linguageira e emoções em comentários do Instagram: uma análise textual-discursiva*. In: ELIAS, Vanda Maria; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; AGUIAR, Andréa Pisan Soares (org.). *O descritivo e outros temas*:

uma homenagem a Sueli Cristina Marquesi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 103-117.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; ELIAS, Vanda Maria. Práticas de escrita no contexto digital: elementos multimodais e coerência textual. *In*: GUALBERTO, Clarice Lage; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; SANTOS, Zaira Bomfante (org.). *Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 145-169.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26452>. Acesso em: 29 out. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *(Con)Textos Linguísticos – Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise*, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p. 25-39, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 29 out. 2024.

DAINAS, Ashley R.; HERRING, Susan C. Interpreting emoji pragmatics. *In*: XIE, Chaoqun; YUS, Francisco; HABERLAND, Hartmut (eds.). *Approaches to Internet pragmatics: theory and practice*. Amsterdam: John Benjamins, 2021. p. 107-144.

FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* Topicalidade em comentários *on-line* do Instagram. *Revista (Con)Textos Linguísticos – Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas*, v. 15, n. 31, p. 146-169, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35667>. Acesso em: 24 nov. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. Critérios de textualidade. *Veredas. Revista da PUCSP*, n. 104, p. 17-34, 1985.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. *In*: BARTHES, Roland *et al.* *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 255- 274.

GRÁCIO, Rui Alexandre. *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra, Portugal: Grácio Editor, 2013.

GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.

HAAS, Ghislaine; LORROT, Danielle. Pédagogie du texte descriptif. *Pratique*, Metz, n. 55, p. 28-46, 1987.

HAMON, Philippe. O que é uma descrição. *In*: HAMON, Philippe; HOSSUM-GUYON, François Van; SALLENAVE, Daniele. *Categorias da narrativa*. Tradução: Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1972. p. 56-75.

HAMON, Philippe. *Introduction a l'analyse du descriptif*. Paris: Hachette, 1981.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1983.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na Linguística Textual. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 31-44.

LORENZI BAILLY, Nolwenn; MOÏSE, Claudinne. Du discours de radicalisation au discours de haine. *Repères DoRiF*, n. 26 – Les discours de haine dans le médias: des discours radicaux à extrémisation des discours publics, DoRif Università, Roma, novembre 2022. Disponível em: <https://www.dorif.it/reperes/nolwenn-lorenzi-bailly-claudine-moise-du-discours-de-radicalisation-au-discours-de-haine/>. Acesso em: 28 out. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARQUESI, Sueli Cristina. Procedimentos analíticos da ATD e produção escrita: estrutura composicional e sequências textuais descritivas em relatórios técnicos. In: GOMES, Alexandro Teixeira; PASSEGGI, Luis; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. *Análise Textual dos Discursos: perspectivas teóricas e metodológicas*. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

MARQUESI, Sueli Cristina. Linguística Textual e Análise Textual dos Discursos. In: CAPISTRANO JÚNIOR; Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (org.) *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017.

MARQUESI, Sueli Cristina. Contribuições da análise textual dos discursos para o ensino em ambientes virtuais. *Revista Linha D'Água*, v. 26, p. 185, 2013.

MARQUESI, Sueli Cristina. Referenciação no texto descritivo. *Revista Investigações*, v. 20, p. 47-59, 2007a.

MARQUESI, Sueli Cristina. Suassuna: um autor muito atento a seus leitores. In: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). *Discurso e memória em Ariano Suassuna*. São Paulo: Paulistana, 2007b. p. 13-30.

MARQUESI, Sueli Cristina. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 [1990].

MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria da Silva. O descritivo em diferentes gêneros textuais: perspectivas para o ensino da leitura e da escrita. *Revista Linha D'Água*, v. 2, n. 24, p. 189-203, 2011.

MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria da Silva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria da Silva. (org.) *Linguística Textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 13-32.

MOÏSE, Claudine *et al.* Circonscire le discours de haine numérique. Processus argumentatifs, idéologies et mémoires discursives. *Travaux neuchâtelois de Linguistique*, n. 75, p. 41-60, 2021. Disponível em: <https://www.revue-tranel.ch/article/view/3004>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. *Construção tópica e mecanismos de (im)polidez em interações do Facebook: uma análise pragmática dos recursos imagéticos digitais*. 2019. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: <https://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=13200>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PETITJEAN, André. Fonctions et fonctionnements de la description représentative: l'exemple des paysages. *Pratiques*, Metz, n. 55, p. 61-88, 1987.

SANDIG, Barbara. O texto como conceito prototípico. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

TURPIN, Béatrice. Haine (discours de). In: BAILLY, Nolwenn Lorenzi; MOÏSE, Claudine. *Discours de haine et radicalisation: les notion clés* [en ligne]. Lyon: ENS Éditions, 2023. p. 155-163. Disponível em: <https://books.openedition.org/enseditions/43955>. Acesso em: 14 nov. 2023.

VAN DIJK, Teun A. Études du discours et enseignement. In: VAN DIJK, Teun A. *et al. Linguistique et enseignement des langues*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon (Linguistique et sémiologie), 1980. p. 11-81.

*Recebido em 18/12/2023*

*Aceito em 07/03/2024*

*Publicado em 25/11/2024*